

ciclo de educação inclusiva



e-Book | 4º ciclo



SISTEMA DE ENSINO
POSITIVO

Sumário

03 Carta de apresentação

04 Para refletir - Texto 1

05 Para refletir - Texto 2

06 Para refletir - Texto 3

07 Lives

08 Indicações

11 Perguntas

Carta de apresentação

Prezada equipe diretiva, prezados professores:

Este documento dá continuidade aos e-books de 2021, 2022 e 2023 desenvolvidos pela equipe pedagógica do Sistema Positivo de Ensino, a fim de disponibilizar o material produzido durante os encontros do Ciclo de Educação Inclusiva que aconteceu ao longo do ano de 2024.

Neste ano, buscamos sensibilizar os professores para a dor dos estudantes que possuem alguma dificuldade de aprendizagem. Essa sensibilização foi feita através de dinâmicas conduzidas ao longo das lives. Para estruturar tais dinâmicas discutimos temas globais relacionados ao universo escolar, sempre na perspectiva da Educação Inclusiva. Enquanto discutimos os temas globais provocamos os espectadores com situações diversas e reflexivas. Na última live do Ciclo, nos emocionamos com relatos de pessoas que viveram em sua vida situações complexas relacionadas às suas especificidades.

Este e-book é composto de links das gravações das lives, textos reflexivos sobre o tema, perguntas e respostas que foram feitas por meio do chat, sugestões de livros e filmes, e tem como objetivo sensibilizar, gerar empatia, ampliar as discussões nas escolas e instrumentalizando as equipes pedagógicas conveniadas, sempre com foco em melhoria na qualidade da aprendizagem de TODOS!

Esperamos que este material gere “desconforto” pedagógico e humano, para que possamos cada vez mais, buscar soluções reais para cada estudante.

Para refletir...

Romantizando a Educação Inclusiva



Venho refletindo muito sobre o quanto é fácil romantizar sobre neurodivergência, estando do lado de fora. É muito simples dizer que é um privilégio conviver com os atípicos, ou que realmente é, uma verdadeira lição de vida, mas o que isso significa na vida privada? Qual a dor da rotina de cada mãe, de cada professor, de cada pessoa que vivencia no dia a dia, cada nuance das especificidades de cada diagnóstico?

O lado romântico existe e deve ser lembrado, sempre, celebrando cada conquista, vencendo as barreiras e reconhecendo os esforços. Brindar os olhares, a comunicação, mesmo que não verbal, os sorrisos. Comemorar abstrações e compreensões sociais. Perceber as habilidades se desenvolvendo a cada dia e as competências se evidenciando. Para quem convive com pessoas atípicas, cada dia é uma emoção! São muitas conquistas, muitas barreiras que são vencidas em curtos intervalos de tempo e outras que levam uma eternidade, mas na maioria das vezes, elas chegam!

Porém, não se pode fechar os olhos para as dores que envolvem essa rotina. São muitos compromissos, especialistas e terapias. Parece que 24 horas não são suficientes para dar conta de tudo. E quando, já no final do dia, muito cansados, acham que o dia está acabando, por vezes acontecem as desregulações, gritos, choros, falta de sono, rejeição ao alimento preparado com tanto carinho e tantos outros desafios.

Um dia, ouvi de uma mãe: “ninguém sabe o que acontece, quando chegamos em casa e fechamos a porta...” isso ecoou em minha cabeça de especialista da educação inclusiva, realmente não sei o que acontece. Por isso, quando pensamos em conscientização, é necessário refletir em todos que estão no entorno, na convivência diária. Ter empatia, pois a rotina não é fácil.

Venho refletindo muito sobre o quanto é fácil romantizar sobre neurodivergência, estando do lado de fora. É muito simples dizer que é um privilégio conviver com os atípicos, ou que realmente é, uma verdadeira lição de vida, mas o que isso significa na vida privada? Qual a dor da rotina de cada mãe, de cada professor, de cada pessoa que vivencia no dia a dia, cada nuance das especificidades de cada diagnóstico?

O lado romântico existe e deve ser lembrado, sempre, celebrando cada conquista, vencendo as barreiras e reconhecendo os esforços. Brindar os olhares, a comunicação, mesmo que não verbal, os sorrisos. Comemorar abstrações e compreensões sociais. Perceber as habilidades se desenvolvendo a cada dia e as competências se evidenciando. Para quem convive com pessoas atípicas, cada dia é uma emoção! São muitas conquistas, muitas barreiras que são vencidas em curtos intervalos de tempo e outras que levam uma eternidade, mas na maioria das vezes, elas chegam!

Porém, não se pode fechar os olhos para as dores que envolvem essa rotina. São muitos compromissos, especialistas e terapias. Parece que 24 horas não são suficientes para dar conta de tudo. E quando, já no final do dia, muito cansados, acham que o dia está acabando, por vezes acontecem as desregulações, gritos, choros, falta de sono, rejeição ao alimento preparado com tanto carinho e tantos outros desafios.

Um dia, ouvi de uma mãe: “ninguém sabe o que acontece, quando chegamos em casa e fechamos a porta...” isso ecoou em minha cabeça de especialista da educação inclusiva, realmente não sei o que acontece. Por isso, quando pensamos em conscientização, é necessário refletir em todos que estão no entorno, na convivência diária. Ter empatia, pois a rotina não é fácil.

Outra mãe me disse: “naqueles dias, quando tudo está desmoronando, vem alguém e diz: Você é forte! Que sorte, que ele tem você! Isso no início, quando a criança ainda é pequena soa como elogio, me sentia mais forte, energizada, mas com o passar do tempo, sinto que essas frases são a sociedade dizendo: o problema é seu. Você tem que dar conta... tenho vontade de chorar...”

Esses relatos me fazem pensar o quanto nada sei. O quanto só quem vive sabe da sua dor e o quanto precisamos ser acolhedores, compreensíveis e apoio para essas crianças, essas mães e esses professores.

Que essas reflexões possam trazer empatia e compreensão, para quem está de fora, para que dessa forma possamos colaborar com quem está “dentro”. Vamos romantizar sim, para que o lado bom de cada indivíduo possa ser visto e valorizado. Vamos romantizar para diminuir a dor de quem ainda não consegue usufruir do lado bom de tudo isso!

Wania Emerich Burmester

Professora, pedagoga, psicopedagoga, mestre em Psicologia da Educação com ênfase em Ciência Cognitiva, pesquisadora do Grupo EIDEP (Escarização Inicial e Desenvolvimento Psicológico) e especialista pedagógica do Sistema Positivo de Ensino.

Para refletir...

Quando o aprendizado se tornou um jogo



Quando comecei a faculdade de Pedagogia e iniciei um estágio, eu achava que já sabia como as aulas deveriam ser. Professores explicam, alunos anotam, exercícios são resolvidos. Esse era o modelo que eu conhecia. Até que, um dia, entrei em uma sala e vi algo que me fez parar: os alunos estavam jogando Minecraft, mas não era apenas um jogo, eles estavam aprendendo História, Geografia e Matemática através daquelas aventuras digitais.

Aquilo me intrigou, pois eu nunca tinha visto jogos sendo usados de forma tão intencional no ensino, e, mais do que isso, nunca tinha visto alunos tão envolvidos com o que estavam aprendendo. Não estavam apenas decorando fórmulas ou fatos históricos, estavam vivendo o conhecimento.

Ao longo da minha jornada acadêmica, passei a perceber o impacto dos jogos no aprendizado. Entendi que o lúdico tem um poder que vai além das metodologias tradicionais. Se os jogos conseguiram transformar uma aula comum em uma experiência memorável, o que poderiam fazer por crianças que enfrentam barreiras ainda maiores no processo de aprendizagem?

Comecei a pesquisar e a ouvir relatos de professores que utilizavam jogos com alunos com necessidades especiais. Vi histórias de crianças que, por meio de atividades lúdicas, passaram a interagir mais, a desenvolver raciocínio lógico e até a expressar sentimentos que antes pareciam trancados dentro delas. Entendi que o jogo não é apenas uma distração, mas um caminho para alcançar alunos de formas que o ensino tradicional não consegue.

Aquele primeiro contato com Minecraft em sala de aula foi só o começo. Desde então, passei a enxergar o aprendizado com outros olhos e a compreender que o lúdico é uma ferramenta poderosa que pode ser usada em todos os contextos, em todas as idades e em todos os cenários. Quando os professores repensam suas estratégias pedagógicas e incorporam jogos ao ensino, criam oportunidades para que cada estudante se envolva ativamente, explore suas habilidades e construa conhecimento de maneira mais significativa e permanente. Afinal, aprender pode, e deve, ser uma experiência envolvente, acessível e transformadora. O professor envolvido, encanta seus estudantes e estudantes encantados, transformam o mundo!

Glenda Souza

Pedagoga com especialização em Design Educacional e Assistente Pedagógica no Sistema de Ensino Positivo

Para refletir...

Sobre criar Laços

Revisitei nesse final de semana uma das minhas leituras favoritas: O Pequeno Príncipe. Na personificação do diálogo entre a Raposa e o Príncipezinho, Saint-Exupéry com convida a refletir sobre a transcendência de crias laços.

A rosa do Pequeno Príncipe não tinha sempre humor agradável. Ela tinha 3 ou 4 espinhos, queixava-se e gabava-se por alguns momentos, tornando o vínculo, por hora, desafiador, como acontece com nossos meninos e meninas que são pessoas com deficiência. E apesar do obstáculo no comportamento da Rosa, ele supriu suas necessidades e fez dela especial. O investimento afetivo a fez única e foi por ela que ele retornou ao seu planeta.

A turma que recebemos no início do ano não é a mesma que se despede – com choros e abraços – no final do ciclo. Existe um hiato entre um olhar curioso e um sorriso sincero. Existem construções nesse caminho de confiança, laços e afetos. Existem desafios superados. Existem puxões de orelhas as vezes. Existe colo. Existe se orgulhar do nosso aluno ao ver que ele tem se tornado a cada dia alguém melhor para o mundo. Nosso esforço e dedicação fez da relação professor – aluno, uma relação única.

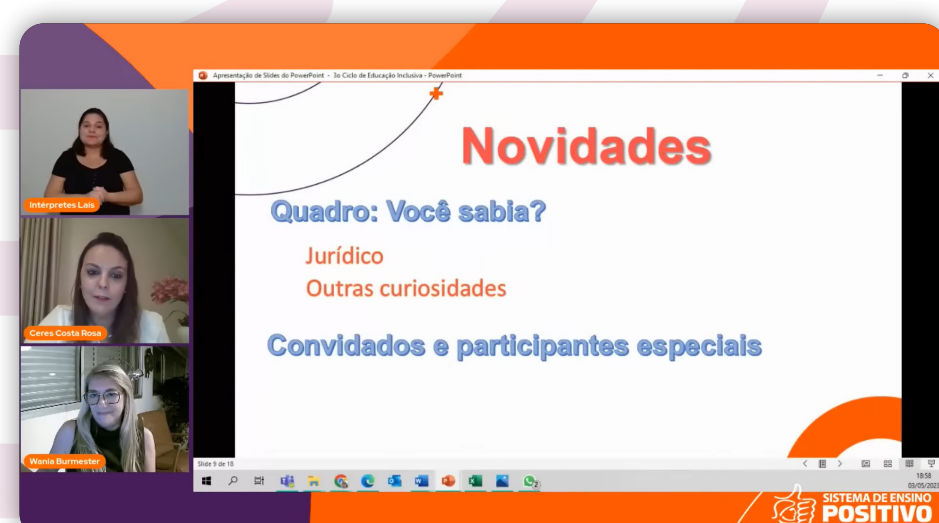
Certa vez conversei com uma garotinha que me relatou ter uma amiga com TEA na sua turminha. Perguntei como era a amiguinha nova, como se dava a interação, se havia algum comportamento diferente e ela me respondeu que a coleguinha também gostava de brincar. Simples assim. Percebi que o mundo das crianças enxerga mais semelhanças que o mundo dos adultos. O essencial é invisível aos olhos.

Proponho que possamos não apenas ver, mas enxergar nossos alunos que são Pessoas com Deficiência para além do diagnóstico. Que possamos ir além do óbvio, da produtividade extrema, das quantidades desafiadoras. Vamos nos maravilhar com a jornada de avanços deles, com suas conquistas. O desenvolvimento de um estudante que é PCD pode parecer tão pequeno aos olhos de quem não o conhece, mas ele e nós, seus professores, sabemos o quanto esse pequeno passo foi fruto de uma grande batalha e precisa ser valorizado. As relações humanas não devem ser – de forma alguma – intransponíveis.

Graziella Serafim

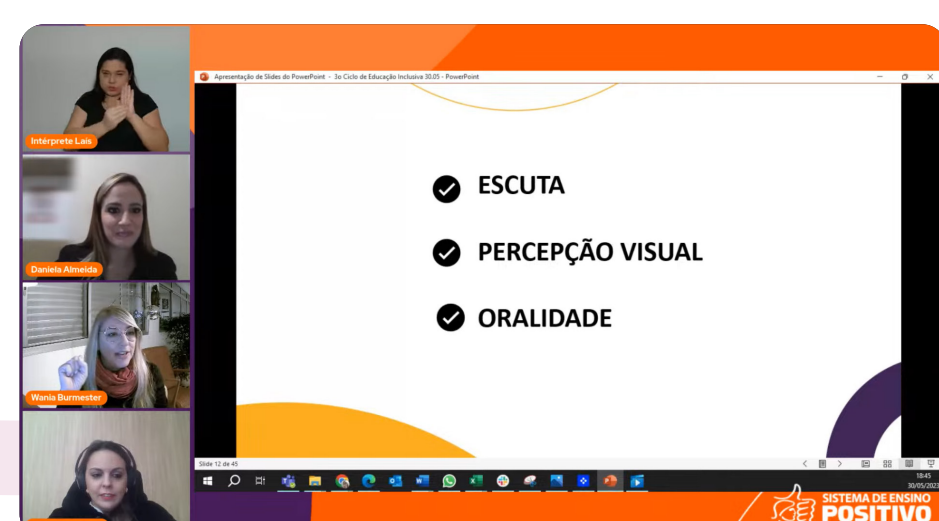
Professora, de Língua Portuguesa com especialização em Educação Especial com Ênfase em Inclusão, Transtornos da Aprendizagem, Psicopedagogia e PLE (Português como Língua Estrangeira) e consultora pedagógica no Sistema Positivo de Ensino

Lives



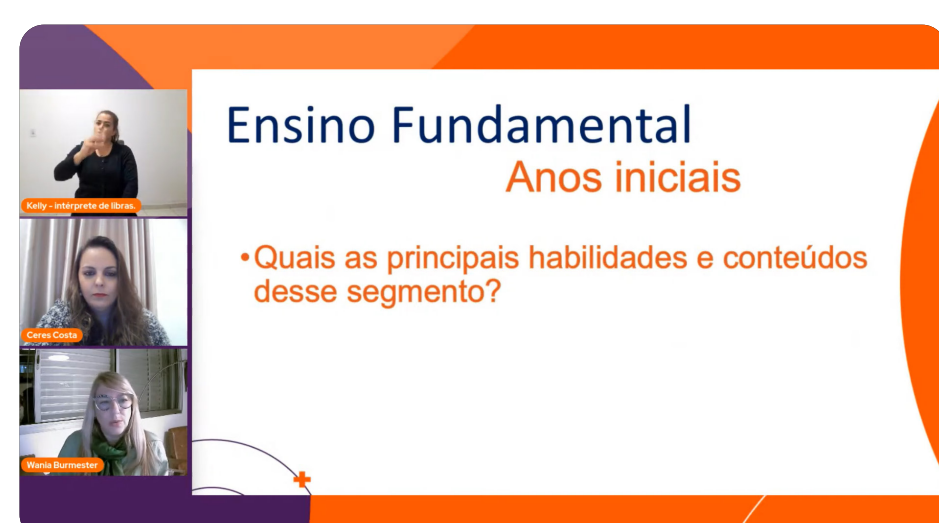
Ciclo de Educação Inclusiva 2024

Assista aqui! ➤



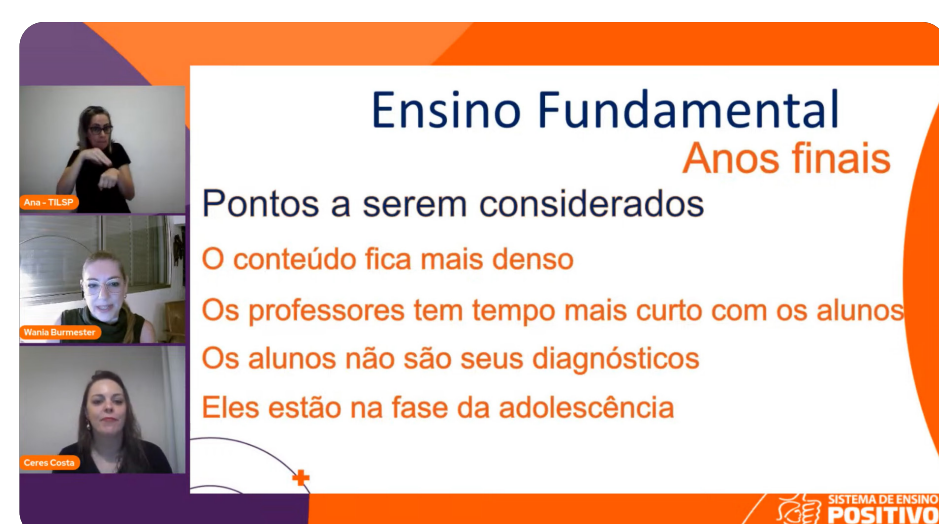
Ciclo de Educação Inclusiva 2024 - Educação Integral

Assista aqui! ➤



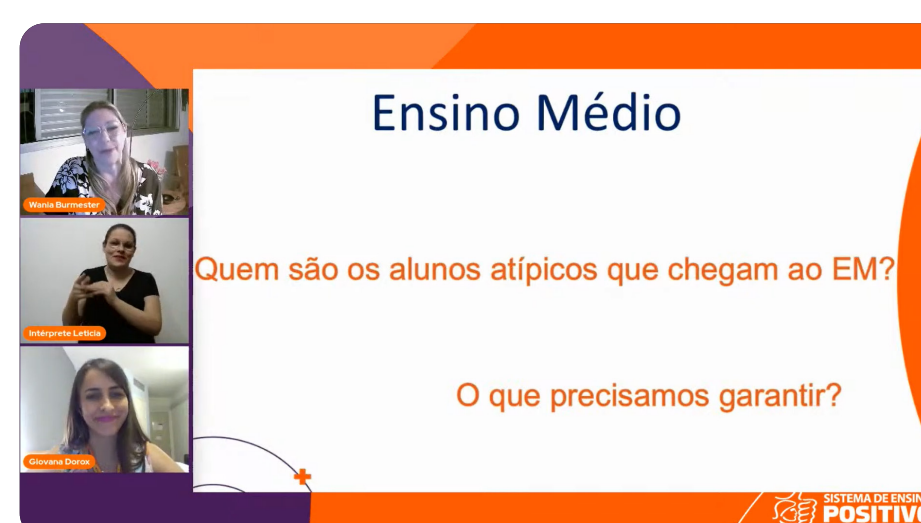
Ciclo de Educação Inclusiva - Metodologias Ativas

Assista aqui! ➤



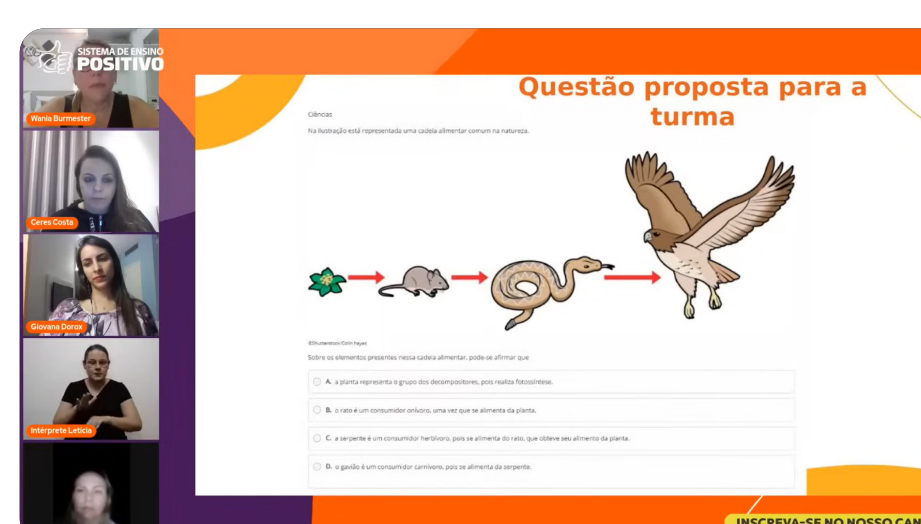
Ciclo de Educação Inclusiva - Habilidades Socioemocionais

Assista aqui! ➤



Ciclo de Educação Inclusiva - Avaliações

Assista aqui! ➤



Ciclo de Educação Inclusiva - Enxergando seu aluno como um ser integral

Assista aqui! ➤



Ciclo de Educação Inclusiva - Lidando com as limitações na vida adulta: reflexos da vida escolar

Assista aqui! ➤

Indicações



1

Mães de pinguins (2024)

A série traz uma história emocionante sobre maternidade, inclusão e aceitação, com personagens tratados com muito respeito e autenticidade.

A história acompanha três mães cujas vidas se conectam por seus filhos com deficiência: Kamila, uma lutadora de MMA, enfrenta a neurodivergência do filho; Ula, influenciadora digital, promove inclusão nas redes; e Tatiana, mãe de um menino com distrofia muscular, luta para manter a família unida. Unidas por uma escola inclusiva, elas compartilham desafios, vitórias e constroem uma amizade de apoio mútuo.



3

Uma Lição de Amor (2002)

Um filme clássico sessão da tarde, que trás uma história linda sobre paternidade de pessoas com deficiência. Sam é um homem com uma deficiência que o faz ter a capacidade intelectual de uma criança de 7 anos, ele é pai de Lucy, uma menina de 7 anos que está ultrapassando o pai intelectualmente.

Primeiramente, a trama conta quando uma assistente social entra na história para colocar Lucy em um orfanato, considerando que o pai não tem condições de educá-la. Então, Sam e seus amigos se juntam para lutar pela guarda da menina.



2

Crip Camp: Revolução pela Inclusão (2020)

Documentário que conta a história de um acampamento de verão com grupo de pessoas com deficiência.

4

O filho eterno (2026)

Mais um nacional, inspirado no livro de Cristovão Tezza. Nessa história, conhecemos Roberto, pai que descobre que seu filho, Fabrício, tem Down e não lida muito bem com a situação. Além disso, o filme mostra todos os problemas vindos da revolta de Roberto e como esse sentimento afeta toda a vida dessa família.

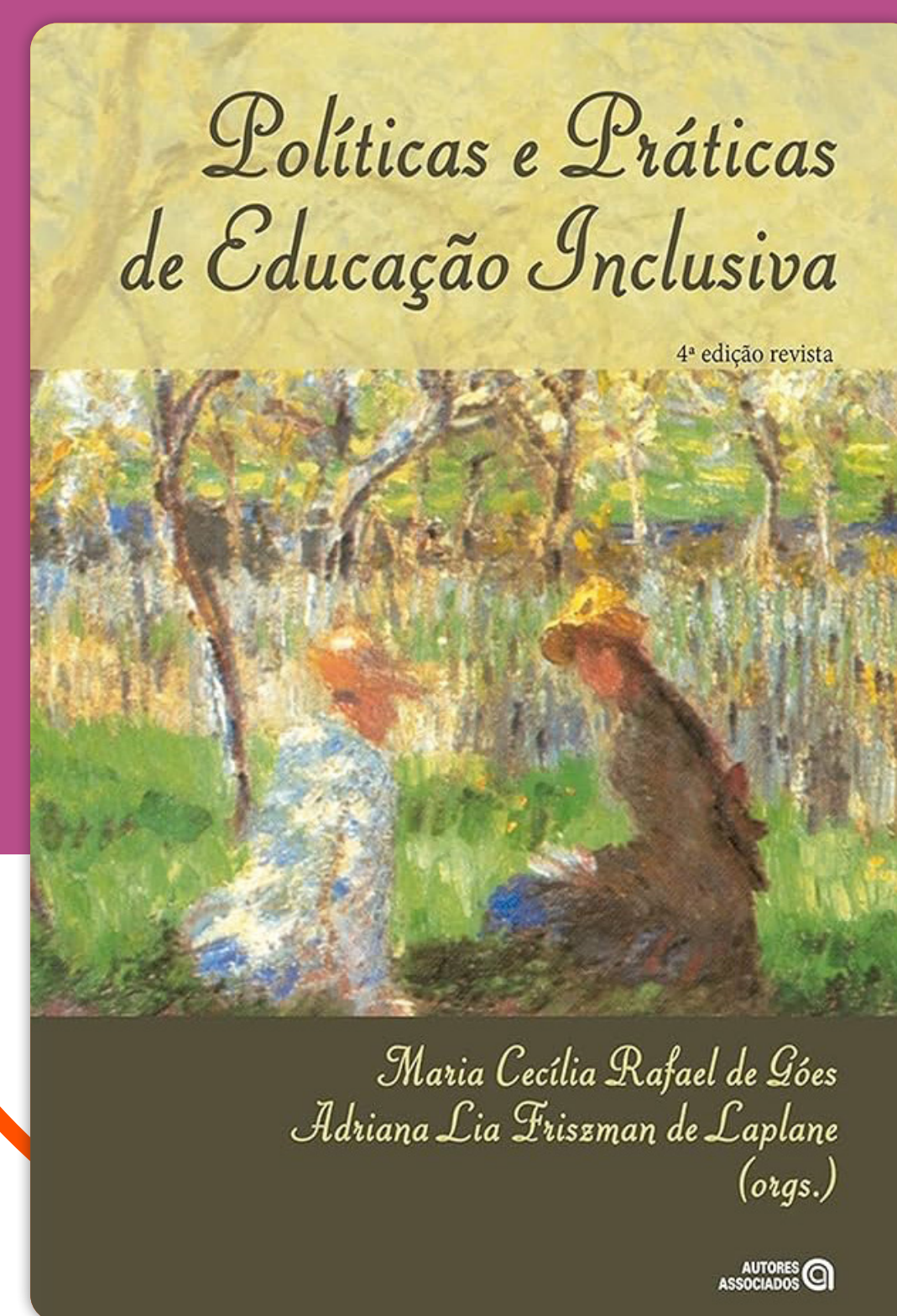
O filho eterno aborda a Síndrome de Down na sociedade dos anos 80, quando ainda havia pouca informação sobre o assunto e então o preconceito era muito generalizado.

Indicações



Educação Especial: como tornar uma escola inclusiva

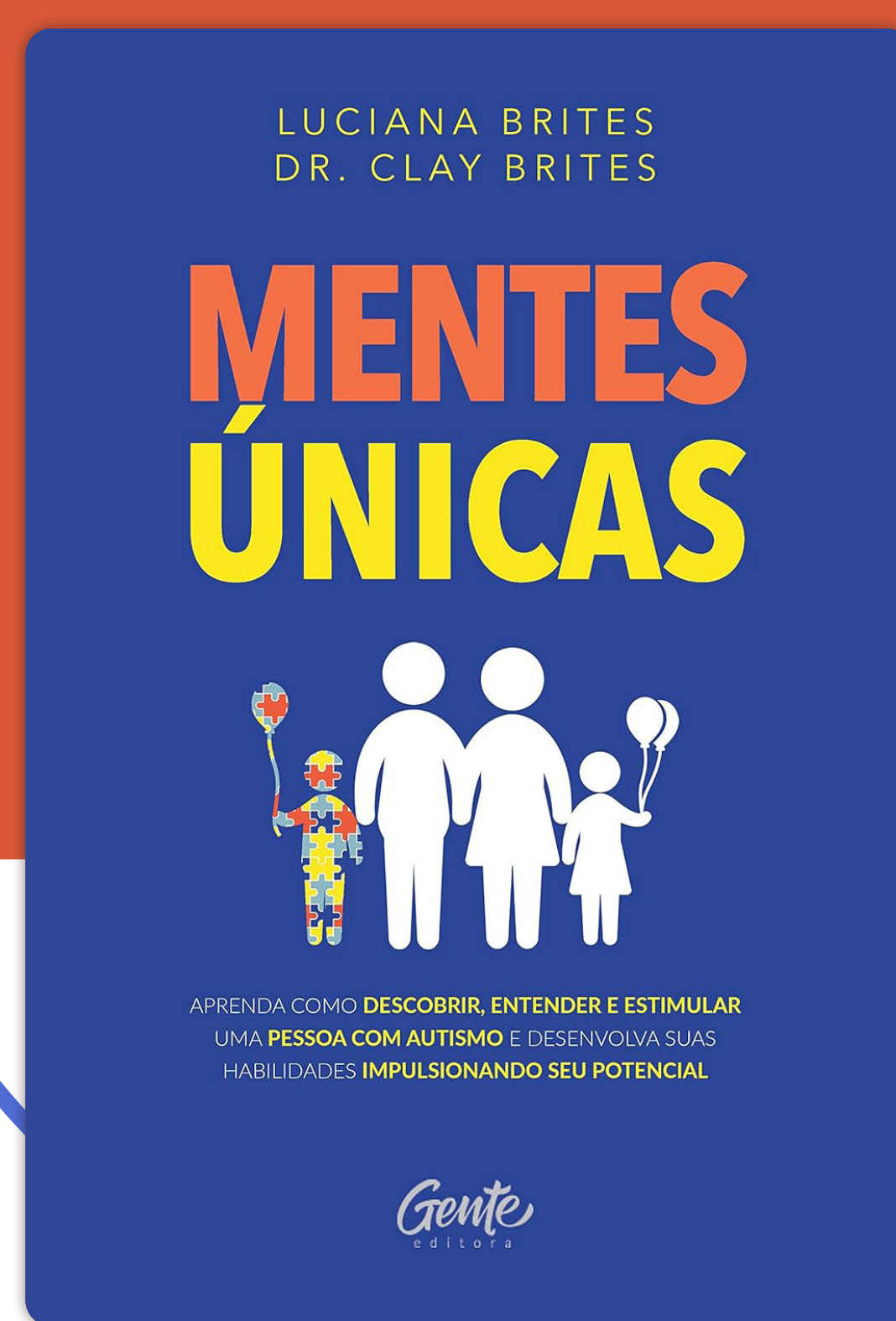
O que significa educação inclusiva? Como se faz inclusão na escola? Quais são os benefícios e as dificuldades por trás de um processo educacional inclusivo? Neste livro, Renata Pereira Batista, diretora do Colégio Educar Guarulhos (SP), compartilha o processo de fundação da escola que nasceu com a missão de acolher os alunos, respeitando suas singularidades, tenham ou não alguma deficiência. A elaboração das estratégias pedagógicas, o trabalho coletivo dos educadores e gestores, a formação continuada, a parceria com a família e com a equipe multidisciplinar são apresentados em detalhes, com exemplos práticos. Uma história inspiradora para superar as barreiras e garantir o acesso de crianças e jovens à educação.



Políticas e Práticas de Educação Inclusiva

As proposições e iniciativas da atual política inclusiva são problemas que pedem análises e soluções urgentes. Nesse cenário, a discussão sobre a inclusão de alunos especiais na escola regular assume um caráter peculiar. Embora, a esse respeito, o sistema escolar alinhe-se com a legislação internacional e com posturas avançadas em relação aos direitos sociais, sua ação tem sido limitada no sentido de viabilizar concretamente políticas inclusivas. Nos trabalhos reunidos neste livro, os autores falam de obstáculos, equívocos, precariedades, contradições. Mas não aderem à imobilidade. Suas análises assumem um caráter prospectivo e propositivo. Não expõem as críticas como um fim em si, mas como desejo de mudança e como indicação do que é possível mudar. São textos que interessam a educadores e pesquisadores vinculados à educação, bem como a todos que se preocupam com o tema da inclusão social em nossa realidade.

Indicações



Mentes Únicas

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta de maneira decisiva e predominante nossa capacidade de percepção social. Hoje, estima-se que aproximadamente 1% da população mundial tenha autismo e, infelizmente, esse é um assunto pouco discutido em âmbito nacional. Seja por preconceito ou dificuldade de aceitação, fato é que precisamos estar mais atentos aos primeiros sinais apresentados na infância para conseguir trabalhar de maneira correta com essa condição. Com linguagem acessível e trazendo um panorama histórico sobre o tema até os tempos atuais, o dr. Clay Brites e sua esposa, Luciana Brites, acreditam que é apenas cuidando que conseguiremos fazer com que as crianças dentro do espectro se tornem seres humanos realizados dentro de suas particularidades.

Perguntas feitas pelo chat

Caros gestores, professores e pessoas interessadas em refletir mais sobre educação inclusiva, este espaço é mais uma conversa, respondendo às perguntas e comentários que surgiram em nosso chat, ao longo das lives do Ciclo de Educação Inclusiva de 2024.

Todas as respostas foram elaboradas com base em estudos, leituras e prática de sala de aula, com intenção de fazer com que cada leitor possa criar sua própria prática e estratégias em busca de atender a necessidade de cada aluno, na busca de melhor aprendizagem.

Não temos a pretensão de trazer regras de conduta, receitas ou metodologias, pois cada criança/adolescente é único e tem suas especificidades. Buscamos trocar experiências, debater assuntos recorrentes na sala de aula e instrumentalizar a equipe pedagógica, com sugestões, ideias e exemplos que podem servir ou não naquele momento, mas que também trazem a sensação de que não estamos sozinhos nessa luta pela inclusão.

Wania Emerich Burmester

Tenho um aluno de 2 anos com Aspecto Autista, ele é agressivo com os colegas, e os mesmos estão o excluindo por medo. Como devo recorrer nessa situação?

É importante primeiro entender a razão da agressividade. Uma conversa com a equipe de saúde que atende a criança pode ajudar a compreender suas necessidades e elaborar estratégias para que a criança se sinta confortável na escola.

É fundamental observar em que momentos o estudante se descontrola e bate nos colegas e tentar antecipar a retirada do foco de estresse antes do descontrole.

Uma outra ação é conversar com a turma e explicar, de uma maneira simples, que o colega tem um desenvolvimento diferente e que o comportamento inadequado não corresponde a questões pessoais de que ele não gosta de um ou de outro colega. Sugiro trazer momentos de interação em que a criança com TEA se sinta confortável para socializar com os colegas e criar vínculos.

Ainda tenho dificuldades de entender o por quê de tanta indiferença com estes alunos.

A nossa sociedade está caminhando para a inclusão eficiente de pessoas com deficiência. Ainda temos muito que aprender e estamos trabalhando para isso. Podemos compreender que há ainda o medo da mudança, do que é diferente e a angústia de não saber como proceder com crianças com comportamentos inadequados, adequação de tarefas e atividades e como promover o aprendizado eficiente com crianças com desenvolvimento atípico. Por isso se faz importante momentos de formação e discussão sobre a inclusão com toda a comunidade escolar.

Deve-se conversar com a turma sem o aluno atípico para que eles saibam como agir e também incluir??

Conversar sempre, com o estudante atípico junto ou não. Mas é preciso tomar cuidado para não expor, nem causar rótulos ou preconceitos. Os colegas precisam entender – de uma forma respeitosa e simplificada – a diferença no desenvolvimento e comportamento do estudante atípico. O importante aqui também é trazer as semelhanças entre as crianças da idade, mostrando que o estudante atípico também é uma criança que gosta de brincar, que tem interesses em comum e que só precisa de acolhimento. Também vale salientar que toda pessoa tem facilidades para algumas coisas e dificuldades para outras. Evidenciar o lado positivo é muito importante, bem como conversar e respeitar as dificuldades e limitações de forma natural e respeitosa.

Como vocês trabalham a consciência das educadoras em relação ao aluno TEA negro e negra?

Temos dois pontos aqui. A primeira questão é que o aluno com TEA precisa ter suas necessidades e direitos respeitados e isso independe da cor da pele dele. É importante também que a escola esteja atenta a situações preconceituosas e racistas envolvendo qualquer estudante ou equipe pedagógica.

São assuntos que devem ser abordados com frequência, além de empatia e bom senso para acompanhar a autoestima dos estudantes, evitando situações de bullying por qualquer motivo que seja.

Os responsáveis podem recusar esse atendimento especializado? Como proceder?

Os responsáveis podem se posicionar sempre, mas é necessário entender com a família o motivo da recusa do atendimento e tentar auxiliar as demandas. A recusa pode estar relacionada ao luto familiar, a dificuldade de aceitação do diagnóstico, ou a insegurança da família com receio da exposição das diferenças individuais de seu filho/a. Quando a recusa está relacionada ao horário do atendimento proposto pela escola, pode-se adequar o momento do atendimento para antes ou depois do período de aulas.

É importante que a família entenda que o atendimento especializado é um direito do aluno que fará diferença no seu desenvolvimento. Conversar e apontar as vantagens pedagógicas e sociais para o estudante pode contribuir para aceitação.

Se mesmo assim, a família se mostrar resistente, é necessário documentar as conversas com a família, o desenvolvimento do estudante e todas as tratativas, se possível com assinatura de ciência da família.

Qual a diferença entre Educação Especial e Educação Inclusiva? Levando em consideração o público que cada uma das duas atende...

Educação Especial é o termo utilizado para as instituições específicas para o atendimento de crianças/adolescentes com deficiência e/ou transtornos/distúrbios, enquanto Escola Inclusiva é a escola de Educação Básica que, hoje, atende TODOS os estudantes.

As escolas de Educação Básica são direito de todo cidadão. As Escolas Especiais são opcionais. Um estudante com deficiência e/ou transtornos/distúrbios, podem frequentar as duas escolas, sendo a Escola Especial no contraturno.

Como a escola deve proceder quando a família não quer aceitar o diagnóstico ou até mesmo investigar?

O trabalho com a família é fundamental para o desenvolvimento do estudante e sua adaptação, por isso, a indicação é de muito acolhimento e atenção para essas mães e pais. Lembrando que por vezes, a recusa, o confronto com a escola e outros comportamentos vindos da família, estão diretamente relacionados à dor da percepção sobre as diferenças que o filho/a apresentam. O receio de enfrentar as barreiras, de encarar a sociedade e tantos outros medos e frustrações.

Porém, existem alguns casos isolados, de famílias que mesmo com o tempo de luto respeitado, todo o acolhimento realizado, ainda se recusam a buscar atendimento especializado para seus filhos. Neste caso, a escola deve procurar o conselho tutelar, pois se trata de um caso de negligência ao bem estar da criança/adolescente. Vale alertar a família sobre esta ação, sempre com base na legislação, neste caso o estatuto da criança e do adolescente.



www.sistemapositivo.com.br